

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. I.

Domingo 13 de Abril de 1856.

N. 10.

LITTERATURA.

Os meus sonhos

OU

A HERANÇA DE MEU TIO

NOVELLA.

(Continuação).

A velha Felicidade vendome olhar muito admirado para o grande deposito de roupa feita, fez-me vêr que era ali mesmo que meu tio guardava tudo quanto tinha de bom.

Pedi-lhe então as chaves, disse-me que estavam em seu poder, mas que fazia tenção de m'as dar no dia seguinte, mas como sou dotado de um genio mui frenetico mandei-as buscar sem perda de tempo. ao que ella Felicidade obedeceu. Quando me vieram as chaves, dei-me ao trabalho de vêr se era, ou não verdade estar junto de meu leito parte de minha felicidade, mas qual, a primeira gaveta que abri continha apenas nada; a segunda tinha a madeira de que tinha sido feita, a terceira, essa sim, tinha diversos insectos os quaes não me dei ao trabalho de vêr, com medo m'ê mordessem; a quarta, quinta, essas sim haviam nellas diversas peças metalicas que vinham a ser castiças velhos, ferros de engoumar, pregos velhos de diversos tamanhos, ferramenta completa de carpinteiro e ferreiro. etc, etc, etc.

Porém olhando vi a minha creada, que se conservava olhando para mim estupefacta, com cada olho maior do que uma abobora, voltei-me então para ella e perguntei-lhe se havia ou não algum corretor de leilões em *****

— Corretor de leilões! repetiu ella; não sabemos o que isso seja.

— Pois nunca ha aqui vendas publicas?

— Queira perdoar.

— Como se faz então isso?

— O porteiro da camara faz um pregão por todas as ruas da povoação.

— Pois bem! mande chamar amanhã o porteiro, e diga-lhe, que annuncie a venda de tudo quanto aqui se acha.

— De tudo! Então o senhor não guarda para si cousa alguma?

— Não ... Não.

— Nem mesmo as pinturas?

— Nem isso.

— Ah! o senhor de certo não fará tal cousa; olhe que são retratos de familia!

— Já disse, não me aborreça, vendo tudo.

Boa noite.

Dizendo isto, tirei o castiçal da mão de Felicidade; que sahio, qual a cobra quando se lhe poem o pé no rabo.

— E que quer ella que faça desses pannos esgaratujados? ah! sim, hei de vender-vos grutescas imagens, ainda que não fosse senão por odio aos tempos que representaes! Este triste interior é vosso; estes costumes de parcimonia e falta de elegancia são os que haveis legado; esta vida despojada de todos os encantos da civilização moderna, é a vossa vida perpetuada pela tradição! Fora daqui barbaros. Nós não somos da mesma raça, entre nós nada ha de commum.

Fallando assim comigo mesmo, deitei-me na cama; porém o cansaço e o máo humor afastaram o somno.

(Continua).

SERPA PINTO.

Mathilde.

NA MATA.

Deixemos porém quanto o lado burlesco d'esta viridica historia, e vamos transportar o leitor a outro lugar mais pittoresco, aonde os principaes personagens se encontrarão buscando ferir-se uns aos outros, ou morrer no campo da lide. A um tiro d'espingarda da casa do doutor Rego ha uma extensa e copada mata, em cuja talvez mais d'um acontecimento tragico veio interromper o morno silencio que de continuo reina n'ella. No centro, dous caminhos estreitos a cortam transversalmente. É aqui que um horrendo crime foi perpetrado ha alguns annos, e uma tosca cruz de madeira o attesta ao viajante.

Não é sem um sentimento de receio e sensação, que contemplamos o vestígio d'um crime, é por isso que quasi sempre uma força oculta nos faz prostrar ante essa cruz balbuciando-se a tremmer um *Pater Noster*, como o tributo pago a victima, e sobre tudo á religião. Quando em 1850 visitei a minha terra, vi-me obrigado a atravessar essa mata, e foi a inscripção da cruz de que fallei, que me impellio a obter qualquer esclarecimento sobre o crime que ella attestava. Essa inscripção, que ainda deve existir, era simples como todas as outras, dizia :

« Aqui foi assassinado— João Pinheiro,
na noite de 25 para 26 de dezembro de 1845.
Um Padre Nosso e uma Ave Maria por sua alma.
Proximo a essa cruz havia um banco de pedra.

Era sentado n'esse banco que um homem esperava alguem, na mesma noite da chegada dos tres viajantes á casa do doutor Rego, porque lançava de vez em quando olhares prescrutadores ao longo da mata. Era ainda moço, mas a sua phisionomia tinha esse cunho particular e repugnante, que nos obriga a affastar os olhos d'esse rosto que queriamos estudar. As paixões desenhavam-se-lhe todas nos olhos profundos, e rodeados d'um circulo roxo; algumas rugas na face e uns beiços finos e sensuaes, eis o que de mais notavel poderiamos achar na phisionomia d'esse homem.

Elle deixava escapar alguns signaes de impaciencia, todas as vezes que procurava distinguir a sombra ou os passos da pessoa que esperava.

Em fim um outro homem appareceu no caminho da direita, o primeiro levantou-se e foi ao encontro d'elle. Então? Está tudo prompto Sr : os homens esperam as suas ordens, e a velha aguarda a occasião para se mostrar. Comtudo consinta que lhe feça uma observação; vamos arriscar-nos bastante na realisação do seu projecto... Tens medo? Nenhum; sou prudente. Como será possível raptar-se uma mulher, que tem a seu lado seis ou oito pessoas, e qualquer d'ellas em estado de defendel-a á custa da propria vida? Reflicta, meu amo, cumpre tudo prever antes d'obrar. Luiza dorme só, é bem verdade, e seu quarto fica na extremidade da casa, mas qualquer grito accorderá seu pai, e as pessoas que chegaram hoje! Como? de que pessoas fallas? Os dous Cardosos, e o filho d'um d'elles; pensei que o soubesse já. Ignorava-o, mas não importa; quero que Luiza fique esta noite na casa da velha Mutter. Será obedecido Sr. Lourenço. O homem affastou-se, e aquelle voltou para o banco de pedra. Um sorriso de odio lhe pairou nos labios, seus olhos despediram faiscas e com vós entrecortada pela raiva, disse:

Quem dirá que sou um d'esses homens predestinados para levar a desgraça e o pranto entre

aquelles que riem e que são felizes?! Quem dirá que o meu coração é um deserto árido, onde senão abrigam mais que sentimentos de odio e vingança?!... Luiza do Rego, eu amava-te com esse amor de poeta, instinctivo e santo; tinha feito d'elle uma crença arreigada, e eu podia ser bom... Repelliste-me, porque os meus inimigos te pintaram Lourenço de Castro, como um homem sem fé, sem religião, zombando de tudo, e attribuindo-o ao acaso. Tentei defendêr-me, tentei dizer-te depois que a tua belleza tinha desperitado em mim um sentimento novo e desconhecido, quiz provar-te, sim, que eu não era mais esse joven extravagante e odiado, e que um horisonte formoso surgia d'entre as trevas de que me achava envolvido. Repelliste-me de novo, e pagaste o meu ardente amor com desprezo.

Eu voltava ás trevas; jurei jámais procurar a luz, ou um anjo que me guiasse no meio d'ellas, e hoje sou o que fui sempre, um flagello...

Assim o quizeste, assim o terás; hei-de possuir te, ainda que para isso seja mister passar por cima do cadaver de teu pai e d'aquelles que te amam!... São oito horas, proseguio elle mais socegado; Mathilde não deve tardar por ahi; esperemos mais um pouco, porque quero que ella me diga positivamente que recusa os meus offercimentos. Se assim fôr terei mais uma victima a sacrificar; e que importa isso? Lourenço sentou-se, resolvido como o dissera a esperar a passagem d'essa Mathilde em que fallára; comtudo mudou d'idéa, porque se levantou, e hia a retirar-se. Uma bella e argentina voz se ouviu ao longe. E Carlos disse Lourenço; vem orar por seu pai; é preciso que elle não dê pela minha presença n'estes lugares. E affastou-se tendo cuidado de fazel-o de modo que não fosse visto. Era Carlos com effeito que vinha á mata pagar o tributo que devia a seu pai; pois que João Pinheiro era o irmão em que o brasileiro fallara, na casa do doutor Rego. O mancebo, sempre alegre e descuidado entrou na mata:

Perto da cruz tirou o chapéu e disse:

Nem por Santo Antonio perco este costume de cantar. Não sei porque, mas acho um prazer ineffavel em recordar os devaneios poeticos, que me perseguiram longe do meu Portugal! Era bom tempo esse! Tinha desoito annos; os prazeres de hoje renovavam-se amanhã, depois, e assim todo o anno. Cuidados? nenhuns! Barriga cheia, aljibeira, idem; e um tio rico e indulgente para os momentos criticos. Agora? que extraordinaria mudança, orphão, e em procura d'um homem que é tão difficil encontrar como a quadratura do circulo, a pedra philosophal ou o moto continuo dos mens amigos Inglezes. E para maior desgraça, namorado! eu que fui sempre indifferente aos seductores olhares das filhas da risonha e poetica *Guanabara*!... Vim pagar o

meu tributo na patria, e bem perto dos lugares em que se deslisou a minha infancia... Consequencias da vida... Ah! tenho a pagar outro tributo; esto é diario, e pago sempre do coração.

Carlos ajoelhou-se e orou por algum tempo; meu pai, disse elle, hoje, como sempre, venho orar a Deos por vossa alma, e recordar-me do juramento que fiz de vingar-vos. Eu sei que o lugar não é dos mais bem escolhidos, por que Jesus Christo, do alto do Calvario, perdoou aquelles que o tinham crucificado; mas eu apesar de bom christão não poderei jamais esquecer ou perdoar aquelle que ousou levantar mão traiçoira contra um velho indefesso. Perdoai-me pois, meu Deos, mas é meu pai que tenho a vingar.

(Continua).

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

o misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAZ FERREIRA.

V.

Voltemos a vêr o que se passa entre os dous rivaes.

Logo que Mathilde sahio da sala, Gustavo ainda encolerizado com a recordação do seu infortunio, voltou-se para Faustino, e disse-lhe: agora é entre nós. Sabes o meu nome, e quem sou, não é verdade?... Faustino tinha ficado aterrado, e cada palavra de Gustavo, parecia que era-lhe um golpe mortal, apenas balbuciou um não; Como não?! se eu te conheço perfeitamente, e nunca te tinha visto. Tú és livre, e tens direito ao que fôr de tua vontade; porém devemos respeitar a honra de nossos semelhantes, observarmos a religião, para podermos viver na sociedade. Tu porque descendes de pessoas que estão classificadas acima dos outros, julgaste que havias de fazer tudo o que teu maldito pensamento te dictasse. Mas enganaste-te. Os homens são todos iguaes perante Deos; e cá na terra só as acções e as boas qualidades, é que podem distinguir uns dos outros.

De que te valerão as riquezas, e a nobreza que dizes ter, quando um homem decidido te lançar a luva do duello? Terás certeza da victoria? não por certo! Oh! mas já tremes? ainda tão cedo! pois então presta-me attenção.

Já ouviste a minha historia, e conheces-me, agora pergunto-te: conheces a Anastacio de Tarento? Faustino extremeceu e passando horrorizado a mão pela testa, disse: não.... Miseravel! não és marido de Amelia? Ah! sim, sou....

Tu foste que occultaste todas as noticias, que dirigia a esta família; tu te relacionaste com um ladrão para poder saber de todos os planos e talvez mesmo tentar contra minha vida!... tu subtrahiste todas as cartas de Amelia; tu expalhas-te a noticia de minha morte em um carcere!... e com uma carta falsa provaste o que querias; com teu ardil soubeste ganhar a amizade de Mathilde; e tudo porque motivo, e com que direito?...

Faustino conhecendo que estava descoberto, procurava animar-se, mas a cobardia tornava-o sem movimento, e apenas podia olhar com desprezo a seu adversario.

A ambição! foi por ella que tudo praticaste!...

Roubaste-me o maior thesouro de minha vida, a mão de Amelia!... Mas ella tambem foi ingrata! o tempo me vingará.... Mas Deos não havia de deixar tantos crimes sem castigo. Doente e acabado como estou, ainda mesmo não contente com o que tinhas praticado; querias dilacerar-me o coração; julgavas que a ausencia poderia ter riscado de minha mente, todos os meios de descobrir o que era feito dessa mulher ingrata! Não! a ausencia gravava cada vez mais, tudo o que ella fazia em outro tempo! e esta carta, escripta pela mão do criminoso e já com o trimido visível do remorso; ainda que imitando a assignatura della, não conheceria que era feita por ti?...

Oh! Deos foi meu guia, e tudo descobri.... Anastacio de Tarento está pagando bem caro o que tem praticado em um calabouço para onde as leis o condemnaram.

Dos meus antigos amigos, que já me julgavam morto, por teu falso boato; vim saber tudo o que se tinha passado para a realisação de teu casamento, mas ninguem me sabia dizer onde estavas! foi o destino, foi o meu bemdito guia; foi Deos que apontou o covil do monstro!... e arremessou-lhe aos pés a luva do duello; disse, levanta essa luva, que não quero que digão que Gustavo de Magalhães foi covarde cravando-te um punhal no coração, braço a braço será a minha vingança!...

Faustino estava boquiaberto, e seu rosto contrahido causava horror. Mathilde appareceu, e ouviu ainda Gustavo pronunciar vingança! Como mulher artilosa poz-se ao pé de seu genro, e dirigio-se para Gustavo em voz alta.

Sr. Gustavo, ouvi-me; uma vingança nunca deveis tomar de ninguem desta casa! Vós amaveis minha filha, mas a grande ausencia, e sem uma só noticia vossa, havia tarde ou cedo de dicitil-a; vossa cura era duvidosa; e ainda mais, vossa volta.

O amor bem sabeis que é como o vento, e o coração de uma joven como o botão de roza que se move segundo o mesmo vente.

Não senhora! na vossa classe não ha amor, é essa a razão porque assim fallaes. Porém quando se chega a amar verdadeiramente, só a morte póde apagar de ambos os corações essa idéa tão feliz!...

Depois de muito tempo correu a noticia de vossa morte, e d'ahi á algumas semanas recebemos uma carta, d'uma pessoa que nos dizia ter recebido as vossas ultimas palavras. Tudo o mais se fez depois d'isso; eu, minha filha e meu genro somos innocentes; a carta Senhora?

Ei!-a.... Gustavo leu a assignatura; Anastacio de Tarento!... Faustino escondeo o rosto entre as mãos e depois deixou cahir a cabeça sobre o peito, corria-lhe pelas faces palidas um suor frio. Não é preciso vêr mais, tudo sabia, esse Anastacio está pagando bem caro a sua ousadia e foram elle e vosso genro, os auctores deste trama!... para poderem-me arrancar a mão e a fortuna de Amelia!...

Agora miseravel levanta essa luva e marca o lugar; Faustino com a vista de Mathilde reanimou-se e levantando a luva, disse-lhe: no morro de Santa Thereza junto a caixa d'agua, ás 5 horas da manhã. Senhora, um adeus eterno, e á vossa filha se morrer, o tempo me vingará; se viver, terei cumprido minha vingança!... Lá me encontrarei, disse elle a Faustino, e sahio com rapidez.

(Continúa.)

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

O PROSCRIPTO.

VIII.

Il a été vif mon songe de bonheur;
mais il fut aussi d'une courte durée.

CHATEAUBRIAND.

Era noite!

A lua, com todo o seu magestoso brilho, guiava meus passos, e um fraco vento do Este fazia balouçar lentamente as arvores da mata em que me embrenhára, para procurar um instante de repouso ao meu atribulado espirito....

E eu caminhava... só, com a cabeça pendente sobre o peito, e uma recordação longinqua e fugaz vinha de tempos a tempos despertar-me d'essa dôr estranha, que eu não sentira até ali!

Em breve a lua se escondeu sobre uma nuvem negra, e eu... parei.

O estranho da minha posição me forçou a lançar investigadoras vistas em torno de mim e não sei por que, tive medo....

As arvores pareciam-me phantasmas, que girando sem cessar, diziam-me... não vás.

Dei alguns passos.. e parei de novo.

A minha direita a mata, da qual a espessura me não pirmittia distinguir o que havia além.

À esquerda o rio....

Na frente.... e bem longe ainda a morada d'aquella que me forçara a deixar as caricias de meus irmãos.. e os contos factidicos de minha avó.

Vamos, disse eu! é preciso transpor esta distancia, muito embora eu tenha de mais que uma vez parar em meu caminho, para expellir da imaginação os pensamentos sombrios que tumultuam n'ella...

Ceguei...

Uma linda casa pintada de côr de rosa se elevava graciosa a poucos passos de mim.

O coração pulsou de prazer, aspirei com ancia o perfume embriagante das flores que me rodeavam, e cruzando os braços esperei.

Uma voz e os accordos d'um piano chegaram a meus ouvidos e n'um transporte louco e arrebatado disse:

É ella!...

Escutei....

Ah! a sua voz..... era a de um anjo...

Não sei o que se passou....

Eu sonhava; quando accordei achei-me ao lado d'ella, e escutando-a enlevado, sem cessar de contemplal-a.

Amas-me!

Como os anjos devem amar a Deos; como Camões amou Catharina, como Tasso amou Leonor, como Petrarca amou Laura!

Tambem eu te amo... e muito. Estás contente?

Ah!... é o que pude dizer, mais esta palavra exprimia a felicidade!

Quão rapida foi!

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

POESIAS.

Sans changer.

Eu amo cantar na lyra
Dôces queixumes d'amor;
Eu amo colher pr'a Julia
Do jardim formosa flôr.

Eu amo cantar na lyra
Bellezas da minha terra;
Eu amo guardar saudosos
As tradições q'ella encerra.

Eu amo cantar na lyra
Lindas galas do verão;
Eu amo cantar ás turbas
Tristezas do coração.

Eu amo cantar na lyra
Linda noite de luar;
Eu amo ver as estrellas
No azul do céu brilhar.

Eu amo cantar na lyra
Bellezas ao pôr do sol;
Eu amo escutar ao longe
O trinar do rouxinol.

Eu amo cantar na lyra
Doce orvalho da manhã;
Eu amo guardar saudoso
Lembranças de minha irmã.

Eu amo cantar na lyra
A tempestade no mar;
Eu amo ver o meu Douro
Em seu leito a murmurar.

Eu amo cantar na lyra
Bellezas do mez d'abril;
Eu amo correr os campos
Debaixo d'um céu d'anil.

Eu amo cantar na lyra
Doces canções, que m'inspira
A amizade fraternal;
Eu amo tanger um canto,
Que diga junto c'o pranto
Deos, familia e Portugal...

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Incertezas.

Diz-me, Julia, o teu segredo,
Que me occultaste mui lédo,
Diz respeito á minha dôr?
Ou talvez occultará
Um disignio, que fará
Despertar o meu amor?

Ai de mim! essa illusão
Esvaeceu-se, e a tenção
Com ella se dissipou;
Já não é esse innocente
Apaixonado, mas crente
Que no passado sonhou.

Hoje vem a realidade
E com ella a saudade
Esse prysma destruir;

O presente já não tem
Esse risonho desdêm
Com que encarei o porvir.

Ai de mim! que n'esta idade
Essa má realidade
Vem calar o coração;
Inda agora principio
E é um caudante estio
Que tenho por estação.

A' risonha primavera
Léda infancia succedera,
Essa idade dos amores;
Foi o secco vendaval
Que lhe fez todo esse mal
Que lhe murchou essas flores.

Depois olhei tristemente
Para a flor innocente
Que mui risonho plantei!
Um lampejo d'esperança
Eu vi surgir, e a bonança
Após bem calmo esperei.

Louco fui, fui castigado
E paguei o meu peccado
Com bem duras provações;
Vi-me só, e vi-me errante
E não tive um só instante
As passadas illusões.

Diz-me, Julia, devo ainda
Essa ventura tão linda
Esperar em teu amor?...
Diz-me se sempre constante
Devo ter de ti distante
Por presente a minha dôr?...

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

A minha rosa.

Não toqueis na minha rosa
Tão formosa,
Que para Julia eu plantei;
Nem se quer doce bafejo
D'um desejo
Que lhe deis consentirei.

Não toqueis na minha rosa
Que vaidosa
Se balança docemente;
Deixai-a livre ficar
Que pr'a amar
Ali foi posta innocente.

Não toqueis na minha rosa
Tão formosa
Que brilha no meu jardim;
Nem se quer doce bafejo
D'um desejo
Lhe dareis como por mim.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

⊙ desalento.

Oh! minha esperança
Morrerei contigo.

Minha doce illusão, onde ora foste?
Que me não trazes mais flizes lembranças
D'um contado porvir?!...
Não respondes ingrata, e meus clamores
Espargidos no espaço, pouco a pouco
Acabam de zumbir.

Agora és fenecida, o desengano
Te matou sem piedade, e eu partilhei
Do teu cruel destino!
Ai! morrerei também, quero contigo
Acabar os meus dias, sem ventura,
Que vida... desatino!

Aquelles lindos sonhos, d'outras horas,
Que me vinham de ti, quando eu dormia,
Já hoje os não profiro.
Vida sem esperanças, desfallece!
Prazeres sem futuros, oh! deixai-me!
Adeos, ai! que eu espiro!...

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

VARIÉDADES.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

SCENA IX.

JULIA E AMELIA.

JULIA.—Oh! agora já posso desabafar contigo!..

AMELIA.—O que me querias tu dizer?

JULIA.—Ah! tenho muito que te contar!

AMELIA.—Estou admirada da maneira porque recusaram a minha mão.

JULIA.—(rindo) Foi um logro que lhes preguei.

AMELIA.—Um logro!!

JULIA.—Sim, vou contar-vos tudo, mas peço que não digais nada, porque tudo o que fiz, foi para vosso bem; doeu-me a vossa sorte, e veio-me tão feliz ideia, que quasi tenho concluido o meu plano. (Neste mesmo tempo os pretendentes ao passarem pela porta, dão uma gargalhada).

AMELIA.—De que se riram elles?!

JULIA.—Deixai-os rir, que nós também nos riremos á sua custa. Vamos ao caso; disse eu a esses marmanjos que vós ereis minha mãe.

AMELIA.—Pois tu disseste isso?!

JULIA.—Disse. Tolos!.. eu com onze annos e vós com dezeseis!.. mas, dizer-lhe isso de nada serviu; quereis saber o que me disseram?—disse-me um,—é uma viuva rica—disse outro:—Tem dinheiro...—Sou inclinado ás viúvas, disse o terceiro! Que demonios!.. digo-vos que estive quasi a chorar com raiva; porém logo tomei coragem, e busquei nova tramoia, que julguei ser mais conveniente do que a primeira; comõ de facto me não enganei,—disse-lhes com todo o meu sangue frio: Meu pai está pobre, e o que tem não chega para pagar o que deve. A estas palavras ficaram olhando uns para os outros, dizendo que já não cahiriam em casar-se com vosco!.. olhai como eu os apanhei... heim!..

AMELIA.—E acreditaram?

JULIA.—De certo, mas vós ainda não sabeis tudo, olhai... (leva-a á porta do gabinete, e mostra-lhe Alexandre pelo buraco da fechadura). Não vêdes?..

AMELIA.—Ceos!.. que vejo!.. É Alexandre!?

JULIA.—Sim, ha um momento que entrou para fallar a nosso pai, e eu mandei esperal-o ahí. Sabeis vós agora qual era o meu desejo.

AMELIA.—Não.

JULIA.—Era experimentarmos se elle fazia o mesmo que fizeram os outros. Sim, dir-lhe-hemos que nosso pai estava reduzido á pobreza.

AMELIA.—Ah! eu sei o quanto elle me ama, não é necessario isso.

JULIA.—Mas se não custa nada experimentar, só se vós tendes receio. Pois para mim tem muita graça estas cousas, queria [só ver o que nos respondia.

AMELIA.—Pois bem, já que vos interessais tanto...

JULIA.—(Contente abrindo a porta) vinde senhor, vinde... já vos fiz esperar muito.

ALEXANDRE.—(Inda dentro) oh! não boa menina, não.

SCENA X.

AMELIA, JULIA, E ALEXANDRE.

AMELIA.—Alexandre !...

ALEXANDRE.—Amelia !

AMELIA.—Concebei novas esperanças.

ALEXANDRE.—Novas esperanças?...

AMELIA.—Sim, meu pai não porá mais duvida em dar-vos minha mão.

ALEXANDRE.—Céos !... que ouço !... E poderei acreditar em tudo isso... Oh ! repete ? torna-me a dizer as mesmas palavras !!!

AMELIA.—É certo o que vos digo, meu pai ficou muito pobre, e seus credores vão tomar conta de tudo quanto elle possui ; e é por essa razão que não ha mais difficuldades ; o que não sei é se vós agora ainda me amais como dantes, pois estou pobre e...

ALEXANDRE.—Eu amar-vos como dantes ? !..

Eu minha querida Amelia ! !... deixar de amar-vos, só por que ficaste pobre ? ! Se agora é que vejo brilhar o meu futuro... se agora finalmente é que concebo a esperança de seres minha ! !... Eu nunca ameie a riqueza de vosso pai, antes pelo contrario a encarava como o principal obstaculo á nossa felicidade.

Oh ! Amelia, a paz do meu coração estava na dita de possuir-te, e nella via todo o meu futuro para o qual minha esperança. E este nobre orgulho não se confundia no esplendor de riquezas, porém nos nossos amores innocentes. Sim, agora, seremos felizes, muito felizes !..

Deos será o nosso unico protector ; em qualquer canto da terra passaremos uma vida, sem luxo mas venturosa. Em quanto o milionario scismar nos seus thesouros, nós iremos ao reflexo da lua contemplar o brilho das estrellas !...

Admirando ahi a grandeza de Deos, e os prodigios da natureza, conversaremos acerca dos nossos passados amores, gozando em fim da felicidade que o céo nos destinou.

JULIA.—(á parte) oh ! como estou agora mais contente !...

AMELIA.—Alexandre... sois vós que assim me fallais ! ! oh ! alma tão nobre como a tua é impossivel haver.

JULIA.—(Correndo á porta e voltando-se) Amelia, nosso pai...

AMELIA.—Meu Deos, que lhe direi !

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS, AMBROSIO, DEPOIS OS PRETENDENTES.

AMBROSIO.—Está decidido, tomara eu agora fallar-lhe, (vendo Alexandre) Quem é o senhor?...

JULIA.—É o Sr. Alexandre, agora mesmo ia passando, e eu o chamei para vim fallar com elle. (Alexandre corteja Ambrosio respeitosamente.)

ALEXANDRE.— Senhor, o amor é um misterio do céo que os homens não sabem explicar ; eu amo Amelia, e...

AMBROSIO.—Comprehendo, comprehendo ; e é correspondido. O senhor dá-me a sua palavra de não se arrepender ?

ALEXANDRE.—Arrepender-se quem tem soffrido tanto por seu respeito ! aquelle que a ama como mulher inda não foi amada. Nunca senhor eu me hei de arrepender. (á parte) oh !.. felicidade !...

AMBROSIO.—(á parte) com a fortuna, esta linguagem é muito differente da dos outros !.. (alto) Está bom, a minha filha lhe pertence, será sua esposa, estimo que sejam tão felizes como se julgam. Neste momento acabei de receber muito boas informações a seu respeito, e por isso desde logo julguei que esta união seria muito feliz. Dotarei minha filha com dez contos de réis, não é muito, porém com esse dinheiro já o senhor poderá montar uma typographia regular... Quer o seu por um negocio que faça mais conta !!

ALEXANDRE.—Reflectirei sobre isso (á parte.) Pensa que eu nada sei... mas que me importa a mim a sua pobreza, quando toda a minha riqueza está no amor de Amelia !..

AMBROSIO.—Está dito, depois decidiremos, por em quanto vamos tratar do casamento; vou mandar chamar o meu tabelião, e quero que seja hoje mesmo celebrado (á parte.) Nada, nada de demoras, porque póde de um momento para o outro arrepender-se como os outros. Mãos á obra.

AMELIA.—Graças aos céos !..

JULIA.—(á parte.) Vejo em fim realizados os meus projectos !..

ALEXANDRE.—(pegando na mão de Amelia.)

Senhor, neste momento acabais de praticar comigo e com vossa filha uma acção que sempre nos será grata.

Sim bemdiremos a vossa memoria, serão dous filhos agradecidos que jamais onde esquecer os beneficos de um pai.

JULIA.—E eu nunca me hei de arrepender do que pratiquei.

AMELIA.—Ah ! meu pai, agora podeis contemplar de perto a felicidade que nos aguardava. (Neste tempo os pretendentes chegam na porta do fundo, e conversam em voz baixa de vez em quando olhando para a scena.)

JULIA.—(dando com os pretendentes.) Tenham a bondade de entrar meus senhores.

JACINTHO.—Oh ! essa é boa !.. (entrão, e Ambrosio mostra-se impaciente com sua presença.)

JULIA.—Os senhores pensavam de ser muito esportos e foram uns toleirões ; tudo o que lhes disse, não foi mais do que um meio para livrar minha irmã da infelicidade que a estava ameaçando. Meu pai não ficou pobre, nem Amelia foi casada, porém vai sel-o agora com este mancebo;

(indica Alexandre) que se tem mostrado digno de a receber á face do altar. (Os pretendentes ficam admiradissimos olhando uns para os outros.)

AMBROSIO.— Pois que era lá isso Julia!!

JULIA.— Nada meu pai, queria dizer que estes senhores fizeram uma acção muito generosa, em não acceitar a mão de Amelia.

JACINTHO.— (a Francisco) o que dizeis vós a isto!

FRANCISCO.— Nada menos do que um logro que nos pregou esta pequena.

ANASTACIO.— Diabo!!.. quem havia de dizer que seriamos logrados por uma criança!!.. (passa um momento, esfregando ás mãos de desesperado, depois eantam todos tres:)

A donzella tão formosa
Desprezemos com dinheiro;
Mas a culpa deste logro
Não foi do velho matreiro.

CORO.

AMBROSIO, AMELIA, ALEXANDRE, JULIA.

CANTAM.

A donzella com dinheiro
Não podestes apanhar;
Que o sceptro do puro amor
Póde sempre triumphar!...

FIM.

M. LEITE MACHADO.

Frederico 2.º e o soldado.

El-rei da Prussia fazendo uma ronda nocturna em campanha, encontrou um soldado bastante embriagado. Chegou-se a elle e perguntou-lhe como era que com tão pequeno soldo poderia ter dinheiro para vinho.

Eu que tenho o mesmo soldo, continuou o monarcha, com doçura, ainda nada pude poupar para gastar na taverna. Dizei-me pois por amizade, o expediente de que vos servis para beber com tal franqueza, porque a experiencia ha mostrado que os taberneiros não gostam de fiar a soldados. Como me pareceis um pobre diabo, respondeu o soldado, nada vos occultarei.

Hoje tenho um amigo a quem convidei para irmos beber juntos. Não vos parece que seria triste contar apenas com o soldo d'um dia? Nada, vou recorrer ao expediente de que me hei valido.

Qual é? Empenhar alguns objectos do serviço, até que se proporcione occasião de tornar a chamal-os para as minhas mãos.

Empenhei hoje a folha do meu terçado, e como não faço serviço em toda a semana, tenho muito tempo para desempenhal-a.

Frederico despediu-se do soldado, depois de ter feito bastante reparo n'elle—resolvido a castigal-o no dia seguinte. Deu ordem para que as tropas se pozessem em armas. O rei passou-lhe revista, e quando chegou ao soldado em questão, mandou-o sahir das fileiras, com o seu companheiro da direita. Agora disse o rei ao primeiro, corta a cabeça a este miseravel. O soldado quiz desculpar-se, dizendo que o remorso o acompanharia toda a sua vida, se matasse o seu camarada, com quem vivia ha 15 annos. O monarcha foi inflexivel. Pois como é impossivel mover V. M. á compaixão., disse o soldado levantando os olhos ao céu, eu peço a Deus que faça um milagre em meu favor, mudando a folha deste terçado em pau.

O soldado representou tão bem esta comedia, que o rei perdoou-lhe dando-lhe em cima uma gratificação. (Trad. do Francez).

XAVIER PINTO.

Combate singular.

Dous gentis-homens, um Allemão e outro Hespanhol, recommendaveis por seu nascimento, e pelos serviços por elles prestados ao imperador Maximiliano II, lhe pediam em casamento a bella Helena Scharfequinn, sua filha natural. Embarçado o monarcha com a preferencia, lhes disse um dia que por seus proprios ardis e coragem se decidiria a questão; mas não querendo arriscar-se a perder um ou outro, permittindo-lhes que se batessem com armas offensivas, ordenou que lhe trouxessem um grande sacco. Aquelle que conseguir metter dentro o seu rival terá a mão de minha filha. Este combate, tão extranho entre dous fidalgos, teve lugar em presença de toda a côrte imperial, e durou meia hora.

O Hespanhol succumbio.

O Allemão, André Erard, barão de Dalbert, tendo envolvido aquelle dentro do sacco, pegou n'elle as costas e foi depôl-o aos pés do imperador. No dia seguinte esposava a bella Helena.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.